

María Negroni: criação e tradução

Aurora Bernardini¹

Universidade de São Paulo (USP)

“Não há razões para equiparar romance com trama argumental, poesia com emoção, ensaio com pensamento; a única paisagem que interessa é a linguagem”, declara a crítica argentina María Negroni, brilhante e original continuadora da obra de Beatriz Sarlo, no prólogo de seu livro *A Arte Do Erro* (São Paulo :100/cabeças, 2022), “ali, onde quem escreve põe à prova a vontade de criar e mede (para desmentir ou ampliar) os limites de seu instrumento verbal que são, também, como ensinou Wittgenstein, os de seu próprio mundo”.

Lapidar. Como lapidar é o que ela conclui na quarta capa: “Um dos malentendidos mais antigos, em matéria literária (e que também pode ser estendido a todo campo da arte), é aquele que se empenha em classificar as obras em categorias, gêneros, escolas, ali onde, em sentido estrito, não há mais que autores e artistas, isto é, aventuras espirituais, assaltos e expedições difícilíssimas que se dirigem—quando estas valem a pena -- a um núcleo imperioso e sempre elusivo.”

I Uma consciência mais fina

Isso me remete a um outro depoimento, o do poeta Dante Milano que no recente livro publicado pela editora Ateliê *O Meu Dante* diz: “O grande Dante para mim, não é o humanista, o filósofo, o teólogo [o político, o médico – como se descobriu, , etc.], tudo o que ele podia ser, sem ser por isso um grande poeta. Para mim ele é o poeta dos versos inesquecíveis. Só isto – para ser um poeta—escrever versos inesquecíveis. E tudo o mais não basta para fazer um grande poeta”. (p. 200)

Para Negroni, como para Milano, uma das características do grande poeta é ser incisivo, é “pensar para além da crosta do uso”, desautomatizar, como diziam os formalistas russos, sendo que a desautomatização prepara o lugar para que nele se situe “uma consciência mais fina”, diz Negroni. No que será que consiste essa consciência?

Vejamos os graus (degraus?) possíveis para esse tipo de consciência:

A trama que cede lugar ao trauma?

A concentração no que é sem nome e ao que escapa?

¹ Professora da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: bernaur2@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2559-7080>

O pensamento como vitória fugitiva?

As ideias como emoções da inteligência?

O infinito no vazio?

“Responder a essas perguntas é como abraçar um corpo que não se vê.”

Abracemo-lo, então, junto com os avatares de quem é, atualmente, a mais arguta crítica literária argentina.

O instrumento da concepção artística e crítica de Negroni é a linguagem e na linguagem, seja em prosa ou poesia, a grande protagonista é a palavra poética. Ambígua, transversal, desorientada, e por isso “política e necessária”.

A palavra poética muda e se enriquece conforme quem a profere. Daí a galeria de personas convocadas por Negrone.

Vejamos algumas delas.

Arthur Rimbaud (1854-1891) - Poeta

“Em sua poesia as palavras brilham como tochas geladas. ... Assinalam limpida-mente aquilo que estranhamos”

Julia Margaret Cameron (1815 -1879) - Fotógrafa

“Fotografia: escrever com luz. [...] Nunca interromper a vertigem da percepção”

Xul Solar (1887-1963) - Pintor, escultor, escritor

“O estado alterado da consciência coincide com outro estado da língua.”

“O poema aposta na magia dos extremos, fazendo dos fantasmas seus cúmplices mais complacentes, e sua gnosiologia mais irreverente.”

Emily Dickinson (1830-1886) – Poeta

“A cicatriz viva de algo que perdemos”.

“O imagismo” – comenta Negroni – “é capaz de explorar a *wasteland* interior, através de uma sintaxe quebrada e de um festim de ritmos insurretos”.

Bruno Schulz (1892-1942) – Pintor e novelista

“O ventre peludo da obscuridade”.

Juan Gelman (1930-2014) – Poeta e jornalista

“O poema fala da dor e reconhece, nesse mesmo gesto, uma espécie de alegria para a qual não existe um nome. A poesia é uma epistemologia do não saber.”

“No poema, quanto mais escuro da luz, o real é colocado em xeque, qual oferenda dos signos libertados.”

Walter Benjamin (1892-1940) – Ensaísta e crítico literário

‘As obsessões são sempre um ímã... onde o desejo se ergue sem objeto’. Benjamin priorizou as cenas em que as coisas encontram seu destino. E essas cenas, segundo Lacan, só podem ser acessadas pelo gozo, pelo ímã da obsessão, pelo devaneio. Segundo Benjamin.

“O museu, a biblioteca, o poema, são “cenas” onde podem ser encontradas peças únicas, supostos vestígios de experiência autêntica “

Robert Walser (1878-1956) – Escritor

“Só consigo respirar nas regiões interiores, não há fortuna e grandeza maior do que desejar.”

Yves Bonnefoy (1923-2016) – Poeta e tradutor

“O pretendido caos da significação nada mais é do que o invólucro finíssimo de uma revelação majestosa: a revelação de tudo aquilo que é.”

“Verdade precária das aparências: a imperfeição é o auge.”

Stephen Milhauser (1943-) Romancista

“A poesia sente as coisas que ainda não se perderam.” “As formas mudam, as obsessões não.”

Juan Carlos Bustriazo Ortiz (1929-2010) – Poeta

“Cumplicidade com o vazio. O que é outro nome para imaginação. Tudo é insubordinado.”

“Para além que qualquer ordem, a virtude poética é ligada à não transparência, ao uso assintático da sintaxe, ao escurecimento do sentido, à noite do sentido.”

Stephen e Timothy Quay (1947-) Animadores

“Na gruta subterrânea da imaginação é possível fazer nascer a flor artificial, du-

plicar o vivido, entrar pela segunda vez em um quarto já pintado. É a vantagem da obra de arte.”

“O fantástico é o desmoronamento de toda fronteira entre realidade e ficção.”

II. O poema

“O Poema” – diz Negroni – “é a autobiografia mental que sabe que a poesia, *imago ignota*, é operação capaz de fazer ver o vazio... Exige sutileza, para ser dissolvida em conhecimento... É uma visita guiada pelo inferno desse suposto outro que é o Eu.”

“As ideias do poeta concatenam-se para criticar a razão, a fé dogmática, (que são parentes), o medo selvagem da vida : tudo o que foi criado anuncia a Ausência, o deus proclamado pela Poesia. A semente da arte deve enterrar-se na alma, religar o que está cindido, descobrir que a vida não é mais do que uma rebelião contra a unidade da qual ela brota. A nostalgia do impossível.”

Por fim, uma homenagem a Charles Baudelaire (1821-1867), propondo que em todo poema , ou obra de arte, é perpetrado um duplo impulso paradoxal:

“Por um lado, o [impulso] de buscar nos mundos fechados algo mais lírico que o narrativo, mais morto do que vivo, que permite erguer uma defesa contra a instabilidade; por outro lado, o de apostar com o orgulho empedernido de uma criança em uma espécie de representação sem referentes, um absoluto em contravenção a toda regra que, fixando a perda, possa ser escrita sem pausa, como uma eterna micrografia do desejo.”

III. A Tradução

“Não há ato hermenêutico mais sério” – conclui Negroni – “nem forma mais privilegiada, de abordar essa matéria secreta que é o poema, do que traduzir.”

“Se há um prêmio na escrita do poema seria o de encontrar um estado “outro” da língua. (Proust disse que os livros mais belos parecem ser escritos em uma língua estrangeira). Na tradução rege o mesmo. É necessário adentrar-se nela com a mesma incerteza com a qual se escreve um poema: lembrando que avançamos às cegas em nome de um fragmento do real, sem esquecer jamais que verdade e totalidade são um binômio impossível (e indesejável). Contudo, temos que acrescentar um outro quesito: o de lembrar que toda a tensão está nas palavras, e que as palavras são mais sábias que nós, que o inimigo é quase sempre interior e a alteridade é o mais íntimo”.

“Cada poeta é uma tensão vulnerável e **única** entre palavra e mundo. Deixa intuir quais ritmos, quais obsessões pulsam sob a forma de um coração verbal.... Apostando em favor da outridade acabamos saindo do egocentrismo, da autossuficiência cultural. ... Em toda tradução há um movimento de amor, gestos de aproximação nascidos de uma apaixonada atração verbal e que conduzem a um desejo de compartilhar os textos traduzidos.”

“Todo talento e a sensibilidade de quem traduz estão colocados a serviço do outro, da outridade desse outro, que é quem escreve na língua chamada original. Como quem veste uma máscara (adicional) o/a tradutor/a se apropria imaginariamente de um mundo. Quer dizer, torna seu todo aquele imponderável ramo de desejos, obsessões e surpresas que é também a matéria com a qual se faz o poema.”

Mas: “Ao traduzir é necessário dar as cartas novamente... A tradução é esse desafio e essa maravilha.”

